

*devoir-mundos em uma viagem pelas perguntas*  
resenha do livro *a viagem dos sonhos impossíveis*

KOHAN, Walter Omar. *A viagem dos sonhos impossíveis*. Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2022.

talita alcalá vinagre<sup>1</sup>  
pontifícia universidade católica, brasil  
orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-7116-2272>

Quais indagações pode propiciar um livro?

*A viagem dos sonhos impossíveis*, livro de Walter Kohan, publicado pela editora Autêntica, é muito mais do que um diário de viagem em que o autor narra sua travessia filosófica e pedagógica pelos mais de 15 mil quilômetros rodados, do Sudeste ao Nordeste brasileiro.

Por uma rota que se iniciou perto do mar, da cidade do Rio de Janeiro até São Luís, a capital maranhense, o filósofo-andarilho deu a sua “volta ao Nordeste em 110 dias”. Desde o início, ansiava por trocar as perguntas que levava consigo com outras perguntas que iria semear e cultivar feito planta, no meio do caminho. O motivo de sua partida era celebrar o centenário do grande pensador e pedagogo pernambucano, Paulo Freire.

O roteiro inicial era apenas um desenho inacabado, um esboço, traçado conforme as respostas à carta-convite endereçada a uma rede de amigas, amigos e colegas que se disponibilizaram a ajudar na divulgação da viagem, em hospedar o viajante e na organização e participação das rodas de pergunta que realizaram. As paragens da jornada de Kohan foram, assim, se definindo no tempo da própria viagem, a cada novo aceite de seus anfitriões.

Tanto o livro como a viagem tiveram como prenúncio as experiências vividas ao longo de mais de 20 anos de atividade junto ao Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI), sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O NEFI é coordenado por Kohan e por um coletivo de pesquisadores e pesquisadoras

---

<sup>1</sup> E-mail: [escutasdocorpo@gmail.com](mailto:escutasdocorpo@gmail.com)

que buscam criar, imaginar, afirmar, habitar e propagar mundos entre filosofias e infâncias.

A viagem tem início no inverno de 2021, um ano muito difícil para o Brasil, ainda sob os efeitos nefastos dos quatro anos de desgoverno bolsonarista e de sua (des)política de saúde. E foi apenas naquele momento que puderam se dar algumas condições de realização dos encontros presenciais vislumbrados pelo viajante.

Ao longo de uma extensa jornada por 11 estados brasileiros, o livro nos transporta a alguns vivificantes encontros, dentre as 200 rodas de conversa que Kohan e seus anfitriões organizaram juntos, envolvendo mais de 3.200 pessoas.

Mobilizado em promover “encontros filosóficos de educação popular” (p. 33) que pudessem problematizar o mundo e a forma como o habitamos, pulsava ainda mais forte o desejo de aproximação ao Nordeste, percorrendo essa terra de origem de Paulo Freire e se demorando um pouquinho na multiplicidade de sentidos, histórias, sabores, cheiros e cores dos lugares e gentes dali.

A bordo de seu próprio carro, Kohan levava consigo sua vasta experiência com a “pedagogia da pergunta”, uma prática filosófica e pedagógica inspirada em Freire. E, junto com isso, acompanhavam-no mudas de plantas, algumas roupas, presentes, livros e muitos compromissos acadêmicos a fazer em simultâneo à viagem.

Um dos poucos pré-requisitos da viagem era que não houvesse pagamento de nenhum tipo, dado que o viajante ficaria hospedado apenas em casas de famílias que topassem o seu convite e participassem das rodas de conversa. Além disso, privilegiaria espaços públicos e comunitários, como acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), comunidades indígenas, quilombolas e outras associações, “onde houvesse um coletivo interessado em experimentar uma pedagogia menina da pergunta” (Kohan, 2022, p. 33).

Os participantes desses “encontros filosóficos de educação popular” eram crianças, adultos e pessoas de todas as idades, que se abriram a experimentar uma “infância no pensamento”.

Com relação à estrutura do livro, na apresentação, o leitor irá encontrar uma conversa entre o autor e Fátima Dowbor Freire, pedagoga e filha de Paulo Freire, que apresenta os efeitos de sua leitura do recém *Paulo Freire: um menino de 100 anos* (Kohan,



2021). Parece que a escolha por abrir o livro com essa conversa foi uma forma de “climatizar” os leitores para o tom afetivo das escritas que virão em seguida.

O miolo do livro é recheado com textos e relatos dos seus anfitriões de viagem, os quais, a convite do próprio autor, foram instigados a registrar, cada qual a seu modo, a passagem do filósofo errante pelas escolas, pátios, quintais, centros culturais, associação de moradores, aldeias, assentamentos... São mais de 50 textos, “alguns mais curtos, outros mais extensos; alguns mais literários, mas que, em seu conjunto, cumpriam essa tarefa de descrever e oferecer uma ideia bastante acabada, ao mesmo tempo diversa e comum, do que tinha sido a viagem” (Kohan, 2022, p. 36).

Em grande parte desses relatos, é difícil não se emocionar e sentir-se quase íntima desses encontros. Talvez a retomada da presencialidade e toda a multiplicidade sensorial e indeterminação que a acompanha seja algo que mobilize, toque, surpreenda, sobretudo os que são afeitos por uma educação humana, gentil e da presença atenta.

No livro, pode-se perceber que as rodas filosófico-pedagógicas geraram uma espécie de energia e conexão que o contexto pandêmico havia até então suspenso. Os relatos dessas andanças trazem os efeitos de outros deslocamentos: outros modos de pensar e conceber o encontro educativo, a filosofia, a escola, a comunidade...

A própria vida – uma vida presencial, em comum – começava a se reelaborar, se repensar e se reinventar a cada nova pergunta colocada na roda. Nesse ir e vir de indagações que a pedagogia da pergunta evoca, uma pergunta abre um campo infinito de outras perguntas. Nas rodas, todas as pessoas – crianças, jovens, professoras, idosos... – colocavam perguntas, sem hierarquia entre elas. Bem diferente das assimetrias comumente reproduzidas no regime escolar, no qual professores dominam a fala a maior parte do tempo, se apresentando como “detentores do conhecimento”.

Podemos, com essa viagem de Kohan, vislumbrar outras formas de relação de ensino-aprendizagem porque ali cada roda instaura uma posição horizontal, onde não há ninguém no centro ou à frente. Todas as pessoas que participam da roda estão em “pé de igualdade”, ou seja, se expressam por meio das perguntas e são ouvidas com igual atenção. Dado que são, sobretudo, as perguntas que guiam, elas ganham uma espécie de vida própria, capaz de atenuar as assimetrias entre quem ensina e quem

aprende. Na roda de perguntas, se tornam possíveis aberturas ao pensamento, uma ativação da curiosidade, em que os participantes vão se afetando pelo problema, conjuntamente.

O exercício de perguntar ao outro sem esperar uma resposta acaba produzindo um outro tipo de ativação nos estudantes, muito diferente da cultura escolar predominante que desabilita as inquietações dos corpos pensantes e investe na passividade das atitudes e nas respostas estagnantes.

Diante disso, o livro nos convida a imaginar outros modos de fazer e “significar a escola” (Kohan, 2022, p. 82). O que implica em uma desconstrução da ideia convencional de escola, abrindo espaço para pensá-la como “tempo livre, tempo de invenção, da criação, da relação, da desconstrução, um lugar que move o pensamento coletivo, que se derrama, entorna, transborda...” (Kohan, 2022, p. 82).

As rodas de conversa da “viagem dos sonhos” de Kohan parecem ter sinalizado para os inícios de uma elaboração conjunta, ao instigar a possibilidade de sonharmos uma escola impulsionada por sonhos coletivos, na reafirmação do espaço sociopolítico e democrático. Escola como espaço de conversas, de encontros e diferenças, em que se pode pensar e esperar o florescimento da coletividade, de uma vida em comum.

Diante disso, é incontornável repensarmos o papel dos educadores, que, menos preocupados com a transmissão de conteúdos, podem abrir e manter aberto o espaço da curiosidade, da interrogação, do lúdico, do pensamento e podem ajudar os educandos e educandas “a lerem o mundo” a partir de si e de suas realidades sociais e históricas.

Kohan nos lembra do importantíssimo feito histórico de Paulo Freire, que em 1963, em plena ditadura militar, coordenou, na cidade de Angicos (RN), uma experiência pioneira em alfabetização de jovens e adultos. Foram 300 pessoas alfabetizadas em 40 horas de aula por meio de seu método. Um método que, segundo o próprio Freire, não é propriamente um método, mas um compromisso político “em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo” (Pelandré *apud* Kohan, 2022, p. 295).

O livro nos convida, assim, a ocupar um lugar nessa roda e ampliar em nós a capacidade crítica de pensar o presente. O que exige de nós, leitores, uma espécie de deslocamento. Um deslocamento no imaginário e outra relação com o “espaço



pedagógico”, que vai tecendo e sendo tecido por olhares e gestos de cada um e cada uma na medida em que assumem posições equidistantes. Movimentos que dilatam e inventam outros modos de estar juntos, de pensar e conviver, na aliança com o desconhecido e na suspensão das certezas.

Em tempos que se continuam a propagar negacionismos e *fake news*, evocados por políticos reacionários, da extrema direita, assim como por parte da população que não questiona e tampouco busca averiguar a qualidade e veracidade de suas fontes de informações, o livro de Kohan nos mostra como a pedagogia da pergunta pode ainda constituir um potente método de estímulo ao pensamento crítico. A partir dele, reafirma-se um compromisso político com uma “[...] forma pedagógica que vive e alimenta a curiosidade dos que a praticam” (Kohan, 2022, p. 295).

Para continuar com essa curiosidade, uma leitura indagadora da obra é essencial, uma vez que ela é capaz de fazer viajar junto, de fazer eco ao sabor dos encontros relatados. Portanto, o livro propicia uma ponte “empírica” para as reflexões que integram o pensamento freiriano, vivificando-o, pois reafirma

[...] a ideia de que a educação e o educar precisam superar o embrutecimento, o disciplinamento, o aprender burocrático... a fim de que a curiosidade, a invenção e a liberdade de dizer e fazer as coisas de outro jeito inaugurem um mundo diferente e sempre renovado com novas perguntas (Kohan, 2022, p. 150).

Os rastros da viagem nos presenteiam ainda com a imprescindível tessitura entre educação, criação e sonho, porque, como diz Kohan, para educar é necessário criar, assim como criar nos evidencia a necessidade de sonhar,

[...] e para criar e sonhar é preciso começar a criar e começar a sonhar. Mas começar não é uma posição habitada no início de um processo que a deixará para trás. É preciso manter-se no começo, sempre estar começando... a criar e a sonhar. O começo que Paulo Freire afirma é um começo como presente, e não um começo cronológico. Esse compromisso com o começo, como força inventiva e sonhadora, faz dele um amigo da infância (Kohan, 2022, p. 279).

Educar, nessa perspectiva, significa manter-se na “infância do pensamento”, habitar os inícios de cada ideia, a terra dos seus começos – condição necessária para assumir o compromisso político exigido pelo educar.

Para finalizar, voltamos ao início. A princípio, Kohan pensou em dar outro título para o livro, mas foi somente ao final de sua organização que lhe ocorreu o atual “Viagem dos sonhos impossíveis”. Isso porque lhe sobressaltou a memória a

surpreendente fala de Lara, uma participante de uma das rodas de conversa, realizada na periferia de Fortaleza (CE). Em resposta à indagação do filósofo-viajante sobre seus sonhos, Lara levantou a mão e lhe disse: “Eu sonho com um mundo em que caibam todos os sonhos” (Kohan, 2022, p. 38).

O livro torna visível essa espécie de sonho impostergável e essencial para respirarmos. Um sonho, uma criação e uma educação capazes de conjurar a violência, o ódio e todo o tipo de ameaça ao discernimento, à arte, à democracia, ao viver em sociedade. Sua leitura abre uma janela para continuarmos sonhando com uma educação feita por pessoas, a partir daquilo que instiga e intensifica a experiência de viver. Sonhar com uma escola que possa ser inventada em uma multiplicidade de formas e experiências com outros mundos possíveis. Mundos mais amorosos, igualitários, inventivos e sensíveis.

Nessa espécie de oxigenação, de “respiro freiriano”, seguiremos perguntando: a quantos “esperançares” nos convidam a escola e a educação? Eis a importância de tal composição entre sonho, criação e educação! Nesse sentido, o livro dá pistas para alguns começos possíveis.

De fato, talvez seja mesmo um livro de viagem, de sonho e de criações. Ao lê-lo podemos viajar, sonhar e vislumbrar inícios, mesmo sem sairmos do lugar. Um livro de viagem porque dentro dele já podemos vislumbrar diferentes paisagens. E um livro de sonhos, porque, a partir dele, adentramos o início de algo que não sabemos muito bem onde vai dar. Uma viagem/sonho/criação partilhada por Kohan e seus anfitriões. Uma viagem que podemos sentir e pensar, como participantes.

E desse sonho/viagem/criação, parece que o mais importante são os seus inícios. Assim como nos diz o poeta Haroldo de Campos (p. 9, 2004), ao final, o que importa não é a viagem, mas o começo dela.

Mas onde se inicia essa viagem? Será que ela já iniciou antes ou depois da leitura do livro? Essa viagem se inicia com os sonhos impossíveis? Mas quem pode sonhar impossivelmente?

É possível aprender essa espécie de sonho impossível?

Para conectarmos esses sonhos, iremos agora pegar outros caminhos, na companhia de outros autores, criando bifurcações na viagem, a partir dos inícios que ela nos convoca.



Com Ailton Krenak (2019), destacado escritor e filósofo indígena, descobrimos que a prática do sonho é percebida em diferentes culturas e diferentes povos que reconhecem o sonho não apenas como experiência cotidiana de dormir e sonhar, e sim como um exercício, um aprendizado, uma busca de orientações e sentidos. Os sonhos, nessa perspectiva, seriam mensageiros, a partir dos quais os krenak, mas também outros povos originários, aprendem seus cantos, suas curas e podem visualizar “a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades” (Krenak, 2019, p. 51-52).

Por essa razão, segundo o autor, há, nas culturas indígenas brasileiras, pessoas que são iniciadas numa tradição para sonhar:

Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho. Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares ou têm passagem por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente (Krenak, 2019, p. 65).

A potência do sonhar como prática de conexão entre mundos, entre humano, animal, vegetal e mineral, mas também como uma forma de aprendizagem e conhecimento aparece na cultura do povo yanomami.

Hanna Limulja (2019), interessada no que os yanomami fazem com seus sonhos, nos mostra, em seus relatos de convívio com esse povo, uma perspectiva do sonho enquanto criação, mas uma criação para além do humano. Como diz o filósofo e liderança yanomami Davi Kopenawa, os homens todos “deveriam sonhar com a terra, pois ela tem coração e respira” (Limulja, 2019, p. 27). Nessa visão, os sonhos não se limitam àquilo que desejamos ou intencionamos que aconteça num futuro próximo ou distante, porque o sonho revela um modo de sentir e pensar da própria Terra, do planeta, suas águas, montanhas, rochas, atmosfera e seres vivos. É um sonho que pulsa a dimensão coletiva, o outro, o desconhecido<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Na perspectiva yanomami, “durante o sonho, portanto, a pessoa estaria mais suscetível à vontade e ao desejo do outro. Ao contrário do que supõe a psicanálise freudiana, para a qual o sonho seria o resultado de um desejo recalcado de quem sonha, no caso dos yanomami, o sonho constitui antes o desejo manifesto de um outro, seja esse outro um morto, um espírito ou um animal” (Limulja, 2019, p. 90).

Nesse aspecto, para os yanomami, o sonho também é uma escola, um espaço-tempo para aprender e se orientar, a partir do qual os xamãs fazem a ligação com os espíritos *xapiri pë*, aqueles que condensam a imagem de todos os seres, não apenas a imagem do ser humano.

Parece, assim, que o sonho, na cosmovisão desses povos, é também uma espécie de sonho impossível, um sonho onde cabem todos os sonhos e todos os seres, como também pareceu expressar a pergunta da menina Laura.

Kopenawa mostra que, quando os yanomami querem conhecer as coisas, por exemplo, se esforçam para vê-las em sonho. E acrescenta: “Esse é o nosso modo de ganhar conhecimento” (Limulja, 2019, p. 37).

Viajar, sonhar e criar se aproximam dessa perspectiva do que se pode aprender e experienciar, numa aproximação do que não conhecemos, do desconhecido.

Mas, para isso, nos atenta Kopenawa, “é preciso sonhar mais longe e prestar atenção nas vozes dos espíritos da floresta” (Limulja, 2019, p. 38), pois o sonho impossível dos yanomami não abarca apenas os seres humanos, dado que entendem que é dessa inter-relação e interdependência que se pode haver vida na Terra. Desse modo, para que possamos conhecer as coisas da floresta, é urgente que aprendamos a sonhar. Sonhar não apenas consigo mesmo, mas sonhar com esses sonhos impossíveis, onde cabem muitos outros sonhos, como os da viagem de Kohan, como o sonho de Laura...

No pensamento yanomami, complementa Limulja, o sonho que realmente importa é “aquele motivado pelos outros”, pois “quem só sonha consigo mesmo nunca sai de si; e, nesse caso, o mundo se torna pequeno demais. [...] portanto, não concebem outra forma de pensar que possa ir além daquela que eles experimentam” (2019, p. 39). E, para irmos além, aprendermos algo, vermos através das coisas, é necessário fazermos do sonho uma prática de existência, um modo de ligação com outros mundos, mundos *em devoir*. Ou ainda: *devoir-mundos*; não apenas um único, mas muitos, que nos possibilitem a experimentação do sonho, da criação e da viagem, a partir dos lugares onde estamos, habitamos e convivemos.

Mas, para os yanomami, não basta sonhar e ser visitado pelas imagens em sonho. É necessário, além disso, contar, narrar para outras pessoas este sonho. Trata-



se de parte fundamental, como percebeu Limulja: “Relatar a experiência onírica é algo importante para que o sonho possa ganhar mais sentido” (2019, p. 40)<sup>3</sup>.

Então, o que podemos fazer com os sonhos narrados nessa viagem de Kohan? Talvez, esses sonhos nos mostrem que há mundos e formas de concebê-los capazes de abraçar a alteridade que existe neste planeta. Considerando-se que nos abrem para o desconhecido, para encontros que suspendem as nossas certezas humanas, ligando e criando pontes entre as diferentes formas de pensar e existir na Terra, a contrapelo do esgarçamento social. Seriam, por isso, sonhos ou atos de resistência? E quantos sonhos podemos ainda sonhar?

Como que nos fazendo perguntar, parece que o livro nos diz sobre um modo de viver e praticar a educação, nos aproximando da vida como uma experiência filosófica. Nesse sentido, a educação e a filosofia se apresentam nesse percurso como práticas potencialmente agregadoras, das diferenças e do comum, capazes de criar “uma comunidade de singulares” e de *devoir-mundos* – fazer nascerem muitos mundos ou, ainda, como no sonho de Lara: um mundo onde caibam muitos outros mundos.

Por fim (ou começo?), Kohan (2022, p. 296) acrescenta que “a pedagogia da pergunta é uma forma amorosa de habitar a educação”, de dar a ver, sentir e pensar sua multiplicidade, suas cores, terras, sabores, cheiros e abraços. Algo que a viagem recoloca em cena, a cada encontro e relato, nos mostrando como educar pode ser potenciado a partir da presença de corpos “que se encontrem com seus sentidos maximamente ativos e atentos”. Algo que geralmente acontece em um tempo presente, quando há “um oferecimento, uma gratuidade” (Kohan, 2022, p. 296), uma dedicação e zelo pelo “espaço pedagógico”.

No presente que se abre, nos cabe agora imaginar, sonhar e criar mais uma vez e de novo (!) uma educação e uma escola enquanto compromisso político, espaço-tempo de experimentação capaz de incluir os sonhos.

Aos leitores/viajantes, um convite: vamos embarcar nessa jornada e habitar os sonhos impossíveis que brotam dela?

---

<sup>3</sup> Isso se relaciona com o fato do sonho não ser o oposto da realidade, da vigília, e sim uma continuação, uma outra face daquilo que se vê e se vive acordado, pois, na perspectiva yanomami, diz Limulja, “tanto as experiências que ocorrem durante o sonho quanto as que se passam durante a vigília se desenrolam à maneira de uma fita de *moëbius*, de modo que o que acontece de um lado vai parar do outro sem interrupção” (Limulja, 2019, p. 54, grifo da autora).

## **referências**

- CAMPOS, Haroldo. *Galáxias*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- KOHAN, Walter. *Uma viagem dos sonhos impossíveis*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2022.
- KOHAN, Walter. *Paulo Freire: um menino de 100 anos*. Rio de Janeiro: NEFI, 2021.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.
- LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. (Pya ú - Toototopi). Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2019.

*submetido em: 20.06.2024*

*aprovado em: 22.06.2024*